

ARTIGOS

O Espírito da Praça do Ferreira

Mozart Soriano Aderaldo

A Praça do Ferreira ou, simplesmente, a Praça, passou a ser, a partir da derribada dos casebres do Beco do Cotovelo e a muito posterior decadência do Passeio Público, o Coração da Cidade. “É o seu meridiano” ou “vale como um regulador”. Por isso, “se a estirpassem do organismo urbano” (e parece que isso foi tentado através da deformação de 1968/69) “este não mais sentiria, não se alimentaria, parava de circular. Tamanha essa influência diretora, condicionando as ações, a vida, as energias do agrupamento”. (Raimundo Girão, “Geografia Estética de Fortaleza”, 2ª edição, Fortaleza, Banco do Nordeste do Brasil, 1979, p. 123).

Destarte, sempre foi a Praça o local por excelência da livre manifestação do irreverente espírito do povo cearense. Espírito contundente, vingador do destino de ter de suportar as crises climáticas, de calendário incerto mas infalível, bem manifesto no estóico ditado de que “desgraça pouca é bobagem”.

São as contundentes pilhérias urdidas nas rodas de amigos ou simples companheiros; os falsos aplausos durante os comícios improvisados nos demolidos Coreto e Coluna da Hora; a vaia ao “ano velho” quando soavam as badaladas da meia-noite de 31 de dezembro pelo antigo relógio da Intendência ou pelo seu congênere da Coluna da Hora; o apupo ao Sol, inusitadamente escondido atrás de densas nuvens durante vários dias; a zombaria a quem, estranhamente vestido, ousa

atravessar o logradouro perigoso; os motejos aos tipos populares cujos defeitos preponderantes foram arditamente descobertos pela população; os testamentos dos Judas corporificados em ridicularizadas personagens da cidade... Desses testamentos, Edigar de Alencar nos fala em "Fortaleza de Ontem e Anteontem" (Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará, 1980, ps. 159 a 161). O próprio Edigar de Alencar não escaparia a esse tipo de críticas e, fidelissimamente, transcreve a quadra que o farpeava:

Ao Edigar de Alencar
que está fazendo algazarra
deixo o desgosto de ver
morrer, em breve, a **Fanfarra**.

"Fanfarra" era uma revista, editada a duras penas pela modestíssima tipografia de Jorge Coelho Garcia e Jeovah do Vale Rosa, e sendo dela redator o Edigar.

Josaphat Linhares, então jovem e sempre inteligente, foi vítima, por sua vez, das alfinetadas testamentárias:

Para o Josaphat Linhares
não ser antifeminino
eu deixo o grande castigo
de vir a ser vitalino.

O profeta acertou: o depois respeitado economista Josaphat Linhares, meu vero amigo e colega de magistério na Faculdade de Ciências Econômicas, jamais casou...

Foi em 1925, durante a segunda administração do Prefeito Godofredo Maciel, que se deu a construção, no nordeste da Praça, do famoso Coreto, de vida efêmera (1925 a 1933) porém marcante. Ali realizavam-se comícios e improvisavam-se discursões incoseqüentes. Exemplo destas foi o bestialógico pronunciado pelo popular Zé Levi (caboclo da terra, semiquasímado, criado pelo relojoeiro Benoit Levi e que deste adotou o sobrenome), como candidato à Câmara de Vereadores. Enfatizava ele a injustiça de ter de trabalhar, na Prefeitura Municipal, oito horas por dia e ganhar apenas cinco mil réis, quando foi desmoralizado pelo grito partido dos lábios de alguém mais necessitado ainda: – "Fora o burguês!".

Em 1933 o Prefeito Raimundo Girão derribou o Coreto, alegando ser ele ponto de malandragem e de sujeira, para alçar, bem ao centro da Praça, a Coluna da Hora, assentada sobre patamar de quatro degraus, de onde os oradores inflamados passaram a falar às massas.

Era a Praça, mais ainda, o cismógrafo da cidade, pois ali repercutiam, através de foguetório denunciativo, os fatos importantes ocorri-

dos. Até os aniversários de comerciantes estabelecidos na Praça ou em sua proximidade eram comemorados com foguetes, traques e buscapés à porta de suas lojas. Ali, também, a política mantinha tenda. Ontem, como hoje, qualquer comício que se prezasse havia de ser realizado na Praça do Ferreira ou, pelo menos, lá terminar após ruidosa passeata. E as sedes dos comitês eleitorais dos diversos candidatos, prato predileto de seus maledicentes adversários, haviam de se estabelecer na Praça, como ocorreu na campanha em que disputavam a Presidência da República o ex-Governador mineiro Juscelino Kubitscheck, o General cearense Juarez Távora e o ex-Governador paulista Ademar de Barros, quando um desses comitês se instalou no pavimento térreo e os outros dois se abrigaram no 1º e no 2º andares do Palacete Ceará (esquina sudeste das ruas Floriano Peixoto e Guilherme Rocha), onde se acha hoje uma das agências da Caixa Econômica Federal. A história registra, ainda, por volta de 1912-1914, a “vaia do dedo”, durante a luta entre rabelistas (maioria maciça de Fortaleza) e marretas (responsáveis pela Sedição de Juazeiro). Ato gravemente desrespeitoso e até impudico, mas inteiramente verdadeiro.

Era por tudo isto que o Pe. José Quinderé declarava, convencidamente, ser de fato intocável quem passasse incólume pela prova dos nove, atravessando a Praça sem ser vaiado ou pelo menos malhado, bem como, alcançando quarenta anos de idade, nunca ter sido alvo da maledicência popular.

Não se tome, porém, o cearense como mau ou perverso. Sua irreverência decorre de uma espécie de sadomasoquismo que a natureza lhe impôs. Ele é malicioso até consigo e sua gente, embora não admita que um alienígena critique sua terra. O espírito cearense, muitas vezes, desarma conflitos iminentes, como ocorreu, certa feita, no Bar da Brahma, onde dois fregueses discutiam acaloradamente. A querela desfez-se como bolha de sabão quando um deles ameaçou o outro com um tiro. “De você só tenho medo das facadas” – foi a simplória resposta que recebeu o ameaçador. “Pois dou-lhe uma” – retrucou o valente contendor. O clima de agressividade era alto e todos já temiam um trágico desfecho quando ruidosa gargalhada se seguiu à irônica conclusão do agredido: “De quanto?”

Destacado já foi que “há no molequismo cearense dois elementos: um positivo e outro negativo. O elemento negativo é agriotímico e caracteriza-se pela crueldade, pelo sadismo. De tanto não ter pena de si mesmo em face da sina ou da sorte, o homem acaba por não ter comiseração para com o semelhante. De tanto testemunhar a própria dor o homem passa a observar a dor alheia e a descobrir facetas cô-

micas. Enquanto cascalha diante da miséria do próximo, esquece a própria desventura. Sob esse ângulo, o molequismo é uma técnica de transferência. (...) O elemento positivo do molequismo é aquele em que o homem enfrenta o destino fazendo humor. É aquele em que o homem faz tudo para não passar por palerma. (...) Os elementos geradores do molequismo não permitem que o humor dele resultante tenha o sabor do humor carioca. O moleque pertence a uma área de sede e de fome. O seu humor, por isso, se reveste de algo patológico. O carioca, não. O humor do carioca é o do boa vida que quer desopilar. (...) O molequismo, entretanto, pode transformar-se na nossa filosofia de vida, desde que sofra a ablação de seu elemento negativo. Aí, então, o molequismo será a filosofia de vida de um povo que aprendeu sábias lições na escola da dor plurissecular. Saibamos, portanto, ser moleques, positivamente moleques”. Esta longa citação condensa a primorosa análise de Abelardo Montenegro sobre a psicologia do povo cearense. (“A Praça do Ferreira”, Fortaleza, Tipografia A. Batista Fontenele, 1959, ps. 63 e 64).

Como exemplos do lado negativo do espírito cearense podemos apontar os fatos ligados a crimes ocorridos na Praça do Ferreira ou relacionados com esse logradouro.

Por outro lado, magnífico exemplo do lado positivo do molequismo cearense foram as sucessivas eleições, cada 1º de abril, do potequeiro-mor do Ceará durante o ano imediatamente anterior, à sombra de esgalhada árvore, o cajueiro da mentira, criminosamente abatido em 1920 e existente, até então, ali mesmo, na face leste da Praça, trecho entre as ruas Guilherme Rocha e Pedro Borges. Dessa patuscada participavam comerciantes estabelecidos em derredor do logradouro e as vítimas eram recrutadas dentre as mais conhecidas famílias da cidade. Procedia-se o curioso concurso, como já foi dito, sob a copa do generoso cajueiro, produtor de saborosos frutos durante o ano inteiro e por isso apelidado, também de cajueiro-botador. A brincadeira tinha fim quando se pendurava a fotografia do vencedor do ano, após a apuração dos votos depositados em urna. A patuscada institucionalizou-se a ponto de dela participar a banda de música da Polícia Militar do Estado. Gustavo Barroso, no seu amorável esforço no sentido de fixar as coisas e os fatos de sua terra, assim registrou essa tradição da velha Praça: – “Era costume em Fortaleza realizar-se anualmente, no dia 1º de abril, a eleição do Rei das Potocas. Votava-se em todo o Estado e o pleito apaixonava muita gente. Os telegramas com os resultados dos municípios do interior vinham endereçados a um grupo de sujeitos pilhéricos, organizadores do conclave, que os afixavam no

anoso tronco dum grande cajueiro existente na Praça do Ferreira, conhecido como o Cajueiro da Potoca. Ali também, à tarde, figurava o resultado total da apuração. Enquanto viveu, Perna Santa foi sempre reeleito Rei das Potocas. Substituiu-o o leiloeiro José Rossas. Por morte deste, recaiu a escolha no meu amigo João Salgado. Creio que hoje o costume desapareceu e que oficialmente o trono está vago". ("Liceu do Ceará", Rio de Janeiro, Editora Getúlio Costa, 1940, p. 196). Desapareceu, sim, a partir da derribada dessa generosa árvore em 1920, sob os protestos da população em geral, a ponto do Prefeito Godofredo Maciel ter de lastimar o engano dos executores de suas ordens, que abrangiam apenas os quiosques dos quatro cantos do logradouro...

João Nogueira, outro apaixonado pelos nossos fastos, também registra a existência desse cajueiro, incluindo-o entre as cinco árvores históricas da cidade, ao lado do Oitizeiro do Rosário, da Árvore da Liberdade (um coqueiro que existiu na Praça General Tibúrcio), da Casuarina do Cemitério São Casemiro (onde se situou, posteriormente, o casario dos engenheiros da RFFSA, na Praça da Estação ou Castro Carreira) e do Coqueiro da Praça da Estação. Do cajueiro-botador disse-nos ele: – "Esse cajueiro, apesar de muito velho, não se impunha ao respeito como os seus quatro nobres companheiros de que tratamos. Tinha qualquer coisa de ridículo por se prestar a chalaças e encarnar perfeitamente o **Ceará moleque**. (...) Todos os anos, a 1 de abril, sob a fronde desse cajueiro desmoralizado, fazia-se a eleição mais esquisita e original deste mundo. No tronco pendia uma urna e eleitores de toda a cidade vinham pressurosos ali depositar suas cédulas, em meio à mais completa galhofa. Tratava-se de eleger o coronel comandante e oficiais mais graduados do que se chamava então o **batalhão dos potoqueiros**. Era uma milícia que não tinha soldados, mas oficiais, e cujo fim era dar combate à verdade. Conhecido o resultado do pleito subiam ao ar foguetes e foguetões: davam-se vivas aos eleitos e tudo se resolvia em alegre cervejada em botequim da Praça. Em toda eleição os candidatos derrotados ficam furiosos; nestas dava-se o contrário: os **eleitos** ficaram indignados com a merecida escolha de suas pessoas. O que lhes valia era que o **mandato** era, somente, por um ano..." ("Fortaleza Velha", Fortaleza, Editora Instituto do Ceará, 1954, ps. 156 e 157).

Em suas lembranças, Otacílio de Azevedo diz que o cajueiro-botador não atuava apenas no dia 1º de abril, porquanto durante o ano inteiro servia de placar para as notícias mais estapafúrdias e hilariantes. Por isso tratou o memorialista de conhecer a famigerada árvore,

logo após sua vinda de Redenção. “Era o cajueiro dos mexeriqueiros, dos desocupados... mas também de muita gente boa. No dia 1º de abril, feriado nacional da mentira, juntavam-se ali dezenas de pessoas – homens da sociedade, plebeus, artistas, pequenos comerciantes, brancos e pretos, enfim, toda casta de gente que lia cartazes pregados no tronco nodoso do cajueiro. Era uma gargalhada ininterrupta que vibrava, repercutindo em toda a Avenida 7 de Setembro. Os cartazes noticiavam as maiores mentiras, denunciavam mil coisas e, às vezes, a sua leitura provocava discussões e até brigas violentas”. (“Fortaleza Descalça”, Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará, 1980, p. 27).

Nora de Otacílio de Azevedo e, provavelmente, por ele bem informada, Jandira Carvalho publicou no “Correio do Ceará” de 5 de dezembro de 1953 longo artigo a respeito de “um cajueiro famoso que existiu na Praça do Ferreira, a vinte metros, mais ou menos, do ângulo, pelo lado do Café Globo, à altura do terceiro ficus benjamin da Praça”. Seu esforço em prol da exata localização do Cajueiro da Potoca baseou-se em coisas perecíveis e frustrou-se totalmente com a reforma da Praça em 1968/69 e com o fechamento do Café Globo. Por isso é que, atento a essas mutações, sempre preferi apelar para o número dos prédios a fim de bem situá-los, sabido que a numeração pela metragem linear tem vigência desde 1933. A lembrada árvore situava-se mais ou menos em frente à parte sul do prédio de nº 591 da rua Floriano Peixoto, tendendo para o meio do quarteirão e não para o seu lado norte, como deu a entender Jandira Carvalho (a vinte metros do Café Globo, que se abrigava na esquina nordeste das ruas Floriano Peixoto e Guilherme Rocha, onde se acha atualmente a APLUB). Abelardo Montenegro (“A Praça do Ferreira”, *idem*, p. 75) situa-o “em frente do armazém de estivas de propriedade de Antônio Martins e José Raimundo da Costa”, esclarecendo de logo que, ao tempo em que escreveu sua monografia sobre a Praça (1957), aquele prédio era ocupado pelo “Armazém do Povo”. Circunstâncias mutáveis, que se desatualizaram. Tenho fotografia do cajueiro-botador, o que me capacitou a apontar quase precisamente sua localização.

A melhor contribuição de Jandira Carvalho à história do Cajueiro da Potoca diz respeito à gênese da brincadeira, uma espécie de reação sadia e eficaz contra o mau costume de enredar a vida do próximo com historietas e piadas várias: – “Faziam-se e desfaziam-se noivados; criavam-se doenças inoculadas em criaturas de bom sangue; punha-se a viajar inesperadamente um chefe político; assinavam-se demissões e nomeações; fazia-se guerra de nervos no cenário político;

punham-se até frente a frente, como galos em rinha, pacíficos cidadãos compelidos a desafrontar imaginárias ofensas”... Contra tudo isto seria mister reagir, e a arma do ridículo parecia ser a mais eficiente. E foi. A iniciativa de eleger, anualmente, os maiores mitômanos arrefeceu o anterior clima de fofocas, pois ninguém desejava ser incluído no batalhão dos mentirosos... E dessa reação salutar participaram respeitáveis membros da sociedade local, como “o comerciante Gabriel Gonçalves, Hermino Barroso (sogro do Sen. Olavo Oliveira) e seu irmão Esmerino, donos da Livraria Studart etc”, registrou a referida jornalista. E, ainda, Álvaro Weyne, conceituado comerciante e futuro Prefeito da cidade em duas oportunidades (de 12 de junho de 1928 a 8 de outubro de 1930 e de 27 de maio de 1935 a 18 de maio de 1936).

Abatido em 1920 pelo Prefeito Godofredo Maciel, e não por Ildelfonso Albano como foi dito por Jandira Carvalho em seu artigo, a cidade se viu privada de um dos marcos ligados ao seu espírito irreverente e esfuziante.

Com toda essa movimentação registrada pelos historiadores e cronistas da cidade, não será difícil imaginar o papel que os tipos populares ou de rua desempenharam no movimentado logradouro. Abelardo Montenegro estudou cientificamente o fenômeno, assim depondo a respeito: – “A Praça do Ferreira – sede do Ceará-moleque – vem sendo, através do tempo, o palco onde se apresentam e se consagram os tipos populares de Fortaleza. Dementes, maníacos, paranóicos, psicopatas de todos os graus, passaram pela Praça e os mais expressivos deixaram seu nome que se perpetua em artigos de jornal, em livros de crônicas e, acima de tudo, na tradição oral, nas histórias ridículas ou dolorosas que passam de geração a geração. (...) José Tertuliano, Cavalinho do Cão, Capitão Piracuru, Casaca de Urubu, José Levi, Maxixe, Piloia, Romão, Juca Gouveia, Jararaca, Chaga dos Carneiros, De Rancho, Tostão, Papagaio, Mimosa, Siri, Garapa, Bode loiô desfilaram pela Praça em épocas diferentes. (...) A Praça não podia viver sem seus tipos populares, nem eles podiam viver sem a Praça. (...) À tarde, após o fechamento do comércio ou à noite, quando todos os bancos estavam ocupados por seus assíduos freqüentadores, apareciam os tipos populares. Entravam em cena. Começava, desse modo, a **função**. O classe média esquecia, por momentos, as agruras domésticas, os íntimos dissabores e ria a valer”. (“A Praça do Ferreira”, *idem*, ps. 64, 65 e 68). A esses acrescento eu, sem ter a veleidade de esgotar a relação, o Mário Rosal (o “Homem do Facão”), o Cruzeta (que vendia somente à noite o produto de seu artesanato, anunciando-o com ênfase nas duas últimas sílabas da palavra), o Miguel das

Empadas (que as fabricava e as vendia à noite, na Praça), e o Elias (mascate que conhecia todos os habitantes da cidade). Disso mesmo falam, com pudor, Otacílio de Azevedo em seu “Fortaleza Descalça”, aqui tantas vezes citado, e principalmente Gustavo Barroso, que assim, cristãmente, encerra um dos capítulos de suas deliciosas reminiscências sobre o Ceará inesquecido: – “Poucas pessoas hoje em dia se recordam desses desaparecidos tipos de rua de minha cidade natal, tão encantadora e tão moleque. Há tantos anos já que eles repousam na Paz do Senhor, lá onde não ouvem mais as chufas que tanto os faziam sofrer!” (“Coração de Menino”, Rio de Janeiro, Getúlio M. Costa Editora, 1939, p. 237).

Alguns desses tipos populares eu os conheci em minha meninice, adolescência e mocidade, sempre sentindo muita pena deles e não tendo disposição para participar ou assistir sequer as deprimentes cenas de seus desesperos após descaridosas provocações. O tratamento lastimável que recebiam da população, e até de gente mais qualificada, era lado negativo do Ceará moleque... Mas – insistamos no assunto – há aspectos positivos, sem dúvida, nesse molequismo nosso. Além de algumas facetas já aqui aventadas, lembremos mais os entrudos do meado do século passado, precursores dos carnavais do fim daquela centúria e início e primeira metade dos cem anos correntes. O entrudo foi inteligentemente aproveitado pelo boticário Ferreira no seu afã de deslocar o centro da cidade para o largo onde tinha residência e botica. A tradição guardou para os pósteros – e Gustavo Barroso deixa isso registrado – a notícia de que o “reformador da cidade botava uma tina de água na praça que tem agora o seu nome, para nela mergulhar quem quer que passasse por ali, banqueteadando-o regamente depois do banho”. Não subestimemos o fato de que quem assim procedia era o próprio administrador da cidade... O referido memorialista acrescenta a propósito que ele mesmo conhecera “umas pequenas máquinas que serviam nos tempos antigos para fabricar e encher as famosas laranjinhas de cera contendo água perfumada, que se atiravam nas pessoas”. (“Coração de Menino”, idem, p. 53). Eram as precursoras dos lança-perfumes, banidos pelo Presidente Jânio Quadros por terem mudado de destinação nos novos tempos. Outro que depôs sobre o entrudo de antigamente, animado pelo boticário, foi o cronista João Nogueira, que esclareceu ainda que “Ferreira tratava delicadamente das pessoas a quem um perigoso batismo provocasse constipados, tosse de cachorro etc.” (“Fortaleza Velha”, idem, p. 137).

Aos entrudos sucederam os carnavais, tendo a Praça como centro de convergência. Gustavo Barroso lembrava-se gratamente do de

1896, “que fora o mais famoso do Ceará, onde, nesse tempo, graças a uma organização de contrabando entre negociantes, despachantes e conferentes da Alfândega, que redundou posteriormente em grande escândalo, o dinheiro andava a rodo”. (“Coração de Menino”, idem, ps. 53 e 54).

Dos carnavais da segunda década do corrente século dá-nos notícia Otacílio de Azevedo, dizendo que “foram sempre de extraordinária beleza e animação indescritível. Quem assistiu a esses carnavais e hoje vê esse simulacro prefabricado onde a maioria dá evasão aos mais baixos instintos, sente uma amarga decepção. (...) Os cursos desfilavam com suas balizas, cobertos de nuvens de confetes e envoltos em serpentinas. Cada um portava o seu vidro de cloretil (lança-perfume), espalhando no ar as suas ondas perfumadas. Não se falava, a esse tempo, de viciados em entorpecentes. Creio mesmo que ninguém usava o lança-perfume a não ser nas brancas costas de uma Colombina, na fantasia colorida de um Arlequim ou na figura opalescente de um Pierrot triste”. (“Fortaleza Descalça”, idem, p. 47). Tudo isto em torno da Praça do Ferreira, já ajardinada e embelezada desde 1902 pelo administrador municipal Guilherme Rocha.

“Pelo carnaval de 1918 – depõe João Nogueira – muitos sócios do Clube dos Diários e suas famílias se reuniram próximo à estação dos bondes (início da atual avenida Visconde do Rio Branco) e, fantasiados, queimando fogos de bengala e gritando muito, vieram sobre os duros e incômodos carretões da **Light** até a sua sede, na Rua Formosa (atual Barão do Rio Branco, esquina noroeste com a Senador Alencar). Passando, necessariamente, pela Praça do Ferreira, onde a animação deve ter sido mais intensa”. (“Fortaleza Velha”, idem, p. 144).

Em torno de 1934-1940, quando o Clube Iracema tinha sua sede nos altos do Palacete Ceará (esquina sudeste das ruas Floriano Peixoto e Guilherme Rocha), seus foliões desciam na madrugada de quarta-feira de cinzas para a Coluna da Hora, em plena Praça do Ferreira, para encerrar suas brincadeiras. Com a derribada do quarteirão onde se achava o prédio da Intendência Municipal, o que ocorreu em torno de 1946, passou-se a armar um palanque nessa parte norte da Praça, na frente do qual desfilavam todos os blocos disputantes dos prêmios oferecidos pela Prefeitura. Foi a explosão demográfica, que inflou Fortaleza, a responsável pelo deslocamento desses desfiles para outras artérias da cidade, como a avenida Duque de Caxias, a avenida Aguambi, a avenida Desembargador Moreira, desprovidas do calor, do brilho, do entusiasmo, do **espírito** da Praça do Ferreira. Tanto que os préstimos carnavalescos não se têm fixado em nenhuma delas, varian-

do sempre, em infrutífera busca daquilo que somente a Praça do Ferreira possui... ou possuiu.

Nossos logradouros sempre foram largos e amplos, deixando o vento correr e a vista varar, livremente, bem em consonância com o nosso clima e o espírito cearense. Da calçada da **Rotisserie** (atual prédio da Caixa Econômica Federal, esquina sudeste das ruas Floriano Peixoto e Guilherme Rocha) podíamos ver quem quer que passasse pela frente do **Moderno** (onde se instala hoje a metade norte da loja SAMASA, nº 604 da Major Facundo). E da calçada da **Maranguape** (esquina sudoeste das ruas Pedro Borges e Floriano Peixoto) identificávamos quem se achava palestrando na esquina da **Maison Art Nouveau** (local em que se ergue o Edifício Granito, em cujos altos funciona o Clube do Advogado, nºs 476/480 da rua Major Facundo). Como era gostoso transitar pela Praça e mais gostoso ainda sentar nos seus anatômicos bancos de madeira, integrando uma das inúmeras rodas que ali funcionavam religiosamente todos os dias e noites!